

# CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E DESENVOLVIMENTO DA LEITURA: O QUE DIZEM OS ESTUDOS

Diana Maria Leite Lopes Saldanha – UERN  
[dianalsaldanha@yahoo.com.br](mailto:dianalsaldanha@yahoo.com.br)

## Introdução

Este trabalho é fruto de um estudo monográfico que foi desenvolvido por meio de uma pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica, realizado com objetivo de compreender como a contação de histórias contribui para a formação do leitor. O interesse pela temática parte do pressuposto que através das histórias, podemos abrir caminhos para introduzir a literatura em sala de aula, tendo em vista a formação do leitor como também desenvolver a imaginação do aluno.

A arte de contar histórias tem sido motivo de discussões e divergentes opiniões em relação ao seu papel para o desenvolvimento do indivíduo enquanto pessoa e leitor. A verdade é que apesar da escrita ter feito avançar a razão lógica e aperfeiçoado gramaticalmente o discurso, antes da escrita os homens já organizavam relatos oralmente de acordo com Yunes (2003), os homens já contavam histórias e liam através de imagens nas cavernas, símbolos, rituais e códigos que utilizavam no seu convívio. Seja qual for o contexto, o processo de contação de histórias abre espaço para o pensamento mágico e para o desenvolvimento do gosto pela leitura.

Discutimos a relação entre o contar histórias e o desenvolvimento da leitura, o processo de contação de histórias e sua contribuição para o desenvolvimento da criança e formação do leitor, bem como a importância da leitura literária nas escolas para a aprendizagem, haja vista, o relevante papel que a leitura desempenha no desenvolvimento intelectual dos indivíduos, sendo fundamental e necessária durante a formação do indivíduo. Entretanto, sabemos que para a leitura se constituir um ato de prazer, requer incentivo, estímulo e motivação. Utilizamos as teorias de Amarilha (1999), Bamberger (1991), Villardi (1997), sobre a literatura e o processo de leitura e Abramovich (1997), Gomes (2003), Sisto (1994) para discutir a importância das histórias.

### 1. Contação de histórias e formação do leitor

A contação de histórias é uma arte milenar que permeia o nosso convívio, atravessa nossa imaginação com seus encantos e delícias e instiga a curiosidade e conseqüentemente o desenvolvimento do ser humano enquanto pessoa e enquanto leitor (SISTO, 1994). Isso acontece porque contar histórias não está ligado somente aos contadores profissionais que atuavam no meio social em locais públicos. O primeiro contato que a criança, por exemplo, tem com o texto é oralmente, através da voz da mãe, do pai ou dos avós, utilizando contos de fadas, mitos, trechos da Bíblia, histórias inventadas, poemas cantados e outros.

É um momento relevante para a formação do imaginário da criança que dá prazer e contribui para ser um leitor, corroboramos Abramovich (1997, p.16), quando argumenta,

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo.

Para a autora, ler ou contar histórias para criança é ter a possibilidade de sorrir, dar gargalhadas com as situações vividas pelas personagens, com as idéias contidas nos contos ou o jeito como o autor escreve, além de poder ser cúmplice desse momento de humor, de brincadeira e também divertimento. Ouvir faz sentir emoções importantes como alegria, segurança, tranqüilidade, medo, irritação, raiva, tristeza, alegria, etc. Pode instigar o desenhar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o escrever, o ver o livro e o querer ouvir a mesma história ou outra. O livro da criança que ainda não lê é a história contada, mesmo assim é importante mostrar que o que ela ouviu está impresso, com o intuito de incentivar a leitura. Tudo isso, contribui para provocar o imaginário, aguçar a curiosidade, fazer questionamentos, como também encontrar outras idéias para resolver problemas, conflitos e dificuldades que apareça.

Sendo assim, observamos que contar histórias abre espaço para a criança ampliar seu mundo e enxergar outros mundos, tendo em vista que o próprio narrador constrói um mundo de acordo com seus interesses para chamar a atenção do seu interlocutor e a criança vê o mundo criado pelo autor e vai construindo seu mundo. Sobre isso, Amarilha coloca que:

Contar uma história é abrir uma janela para o mundo. A imagem de janela traz à nossa mente o desenho geométrico de um certo enquadramento do mundo. Em assim sendo, o narrador, aquele que traça a janela, escolhe de acordo com seus objetivos e interesses, declarados ou não, conscientes ou não chamar a atenção do seu interlocutor para alguns aspectos da realidade. (AMARILHA, 1999, p.13),

À luz desse argumento e em consonância com a autora, vimos que para ter essa seleção de imagens, o leitor olha para esse ângulo do mundo traçado pelo narrador reproduzindo sobre ele o que suas necessidades e expectativas estimularam a partir da história que ele ouviu. A autora relata que, nesse momento, entram em circulação os fatores desejo e prazer. Daí, a dualidade dessa dinâmica que exige do leitor o papel de intérprete e crítico, de participante e criador, fazendo-nos questionar: quais elementos tornam o texto atraente para o leitor? E o que existe dentro de um texto que o torna significativo?

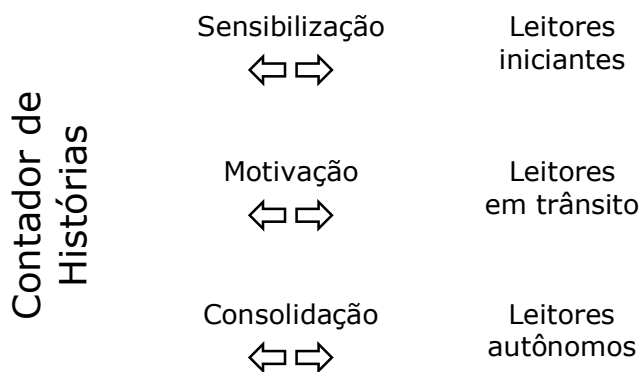
Celso Sisto orienta que para praticar o ato de contar histórias é preciso ler muito e com prazer. O contador de história tem que se doar e ter clareza de seus objetivos, saber o que ele quer realmente, visto que, de acordo com os objetivos, os procedimentos e encaminhamentos são diferentes “Se o objetivo é apenas lúdico, se é discutir determinada idéia ou tema, se é discutir uma série de sentimentos e informações, se é terapêutico, se pretende promover uma integração social e cultural” (SISTO, 1994, p.153).

O autor esclarece que é necessário ainda que se conheça o público a quem está sendo dirigida as histórias. A verdade é que um grupo sempre é heterogêneo e dispõe de diferentes interesses. Apesar de muitas vezes classificarmos o público em infantil, juvenil e adulto, os interesses vão variar também de acordo com critérios que vão além da faixa etária. Uma boa saída para um público misturado é apostar na diversidade do repertório com o intuito de satisfazer a todos. Para isto, é fundamental a familiaridade do contador com a leitura e a maturidade como leitor, pois estes são critérios essenciais.

De acordo com Gomes (2003), o processo de contação na perspectiva da formação do leitor requer uma sistematização por parte do contador para que se formem leitores autônomos que, de início, é um leitor iniciante e em seguida um leitor em trânsito até que se consolide a formação. Gomes define essas categorias de leitores da seguinte forma:

O leitor iniciante é o aprendiz que está na fase de sensibilização, construindo seu repertório de leituras a partir do que vê e ouve. Geralmente, necessita da presença de um leitor experiente mediando o processo [...] O leitor em trânsito é aquele que já está motivado pela leitura, reconhece a sua importância, sente prazer por essa atividade, mas o faz de modo irregular [...] Já o leitor autônomo é um leitor proficiente, fluente, que desenvolve com regularidade suas práticas de leitura. Encontra prazer e conhecimento, admite a importância ao ato de ler e faz desse procedimento sua opção consciente. (GOMES, 2003, p.p.77-78),

Segundo o autor, é importante frisar que na atividade de contação de histórias, esses três tipos de leitores tornam-se leitores-ouvintes. Por isso, em todas as categorias, inclusive de leitor autônomo que é experiente, a contação de histórias permanece como algo indispensável para formação do leitor. Em cada categoria ocorre uma fase, ou seja, junto aos leitores iniciantes temos a fase da sensibilização. Em seguida eles poderão encontrar maior interesse pela leitura de literatura, a motivação, levando-os a categoria de leitores em trânsito. Se tiver uma sistematização do processo que envolva os leitores em trânsito, esses poderão chegar a fase de consolidação que é a dos leitores autônomos. A figura abaixo (GOMES, 2003, p. 79) resume a sistematização na formação do leitor,



**Figura 13:** (GOMES, 2003, p. 79).

Para compreendermos melhor, discutiremos um pouco sobre essas fases e os efeitos que produzem na formação do leitor.

A fase de *sensibilização* é o início do processo de formação do leitor. O momento em que o contador vai procurar chamar atenção do leitor para ouvir a história. Para Gomes,

Sensibilizar consiste em impressionar, envolver, gerar interesses e promover estímulos positivos. É na interação entre o contador de histórias e os leitores iniciantes que no primeiro momento haverá a disposição dos alunos para que estes estejam receptivos à contação de histórias, promovendo-se a empatia entre as partes envolvidas na atividade. (GOMES, 2003, p.79)

Por isso, destacamos a responsabilidade do contador nessa fase, pois esse deverá utilizar medidas que chamem a atenção dos ouvintes e provoque o gosto pela atividade proposta, a qual deverá ser sinônimo da alegria, prazer e descontração. O autor defende que é interessante que essa arte também esteja presente em sala de aula, nas horas de leitura de literatura, para que o professor possa se aproximar e interagir com os alunos, além de não limitar suas atividades a burocracia dos deveres e provas.

Em se tratando da fase da *motivação*, consideramos que os leitores em trânsito já avançaram um pouco no processo de formação. Então, o autor demonstra que é preciso a utilização de suportes de leitura como: livros literários e didáticos, revistas, jornais, vídeos, músicas, obras de arte, etc. para oportunizar ao leitor o contato com a diversidade existente no mundo da leitura. Bamberger (1991, p.32) propõe que “a primeira motivação para ler é simplesmente a alegria de praticar habilidades recém-adquiridas, o prazer da atividade intelectual recém descoberta e do domínio de uma habilidade mecânica.” Isso nos mostra que a motivação é essencial para desenvolvermos um bom trabalho em sala de aula, objetivando a aprendizagem do aluno.

Já na fase de *consolidação*, espera-se alcançar o objetivo principal que é a formação de leitores autônomos. Essa fase “reflete na mudança de postura do aluno que passa a empreender a busca sistemática e autônoma pelo livro” (GOMES, 2003, p.94). O autor comenta que o leitor adquire certa maturidade e é capaz de escolher os livros que quer ler, adotando critérios da seleção, gênero, estilo do autor, qualidade do texto e da edição. Ele tem uma visão abrangente do mundo proveniente de conhecimentos adquiridos, como também se ver envolvido numa posição de elemento crítico da sociedade. Apesar desse leitor já caminhar com seus próprios pés, não podemos esquecer que a contação de histórias não perde seu valor, visto que, é uma atividade agradável que encanta e seduz independente do nível de escolarização que os alunos apresentem.

Sob essa ótica, convém ressaltar o relevante papel que o professor deve desempenhar enquanto mediador entre os alunos e os textos, pois além de ser um leitor assíduo ele deverá ser dinâmico para diversificar sua metodologia de trabalho e atrair a atenção dos alunos na hora da contação de histórias, considerando que essa é uma ponte que se forma rumo ao livro e às leituras, como postula Sisto: “É exatamente do fascínio de ler que nasce o fascínio de contar” (1994, p.150).

## 2. Falando sobre leitura

A leitura é de fundamental importância para o enriquecimento pessoal e intelectual do indivíduo, pois podemos considerá-la como a base do saber e o sustentáculo para as demais disciplinas. Ela contribui decisivamente para a aquisição do conhecimento e amadurecimento do ser humano, seja qual for sua fase da vida. Entretanto, o ato de lê não se constitui tarefa fácil e exige disposição e gosto da parte do leitor, como conhecimento e incentivo dos envolvidos no processo de formação de leitores. Kleiman (1989, p. 13) argumenta que:

O processo de ler é complexo. Como em outras tarefas cognitivas, como resolver problemas, trazer à mente uma informação necessária, aplicar algum conhecimento e uma situação nova, o engajamento de muitos fatores (percepção, atenção, memória) é essencial se queremos fazer sentido do texto.

Com base nas idéias da autora, fica evidente a necessidade de se conhecer esse processo para trabalhar com leitura, pois se o docente não compreender a complexidade do processo de leitura e da interação, ele estará produzindo idéias alheias, sem conseguir implementar essa visão, verbalizando sem agir. A leitura continuará, com raras exceções, reduzida à manipulação mecanicista de seqüências discretas de sentenças, não havendo preocupação com a apreensão do significado global do texto.

A leitura não pode ficar limitada a atividades mecânicas, desconexas, considerando que o ato de ler não se resume somente a mera recepção e é importante para o desenvolvimento da aprendizagem dentro e fora da escola. Bamberger (1991, p.10), postula que “[...] a leitura é uma forma exemplar de aprendizagem. Estudos psicológicos revelam que o aprimoramento da capacidade de ler também redonda na capacidade de aprender como um todo, indo além de mera recepção [...]”.

Apesar de percebermos o relevante papel que a leitura exerce para o aprendizado do ser humano, essa prática parece privilégio de uma minoria e uma atividade obrigatória para o aluno desenvolver dentro da escola. Observamos a desmotivação por parte da escola e dos professores para que o aluno tenha gosto pela leitura. Segundo Kleiman (1995, p. 07),

As concepções do professor sobre essa atividade são apenas empíricas, e suas práticas de ensino estão baseadas em dicas e programas de outros professores, utilizados porque são os únicos enfoques disponíveis, não porque eles representem uma história de sucesso.

Na verdade, é preocupante a questão do modismo e das receitas prontas entre os profissionais de educação. Na maioria das vezes, os professores copiam receitas de outros colegas para aplicá-las em sala de aula, seja para trabalhar a leitura ou outras disciplinas, o que contribui para o fracasso de suas atividades, pois eles permanecem despreparados para atuarem de forma significativa rumo ao ensino mais eficaz.

### 3. A leitura literária na escola

O ensino de literatura nas escolas tem sido alvo de grandes discussões entre pesquisadores e autores que consideram essa prática essencial para o desenvolvimento do educando e para a formação de leitores. Entretanto, existe uma preocupação acerca da formação do profissional professor que educa novos leitores. Malgrado constatarmos que ler é construir uma concepção de mundo e possibilitar sua compreensão e atuação sobre ele, percebemos que a leitura ainda não se constitui prioridade nos currículos escolares.

Dessa forma, é preciso que a leitura seja vista como necessária e relevante no processo de ensino-aprendizagem, pois possibilita o desenvolvimento cognitivo do aluno. A partir daí, a literatura passa a fazer parte do cotidiano escolar, não para desenvolver as

atividades gramaticais, mas para desenvolver o gosto pela leitura por toda a vida. Assim, Villardi, coloca que:

[...] isto só ocorre se a leitura for vista não como cumprimento de um dever, mas como espaço privilegiado, a partir do qual tanto é possível refletir o mundo, quanto afastar-se dele, buscando na literatura aquilo que a vida nos nega, quer sob a perspectiva da realidade, que sob a da fantasia. (VILLARDI, 1997, pp. 10-11),

Por isso, o trabalho do professor é fundamental para que desenvolva o gosto pela leitura, pois o profissional deve utilizar subsídios que contribuam para levar o aluno a “descobrir a sua capacidade libertadora e criativa, enquanto esculpi, em cada texto, a sua própria leitura.” (VILLARDI, 1997, p. 11). Corroboramos a autora quando diz que este material utilizado pelo professor deve ser o texto literário.

Ao fazermos um relato do que é literatura, encontramos várias definições que a caracterizam. Primeiramente temos literatura como “... a escrita ‘imaginativa’, no sentido de ficção – escrita esta que não é literalmente verídica” (EAGLETON, 2003, p. 1), definição que não procede, pois na literatura Inglesa do séc. XVII, encontramos sermões, autobiografias, discursos fúnebres de Bousset entre outros. A distinção entre fato e ficção é muitas vezes questionável, uma obra pode ser vista como factual por uns e ficcional por outros. A literatura, segundo os formalistas russos defendem, é “violência organizada contra a fala comum” (*ibid*, p. 2). Para eles, a literatura transforma e intensifica a linguagem comum afastando-se sistematicamente da fala cotidiana. A essência do literário era tornar estranho. Em outro momento a literatura é considerada como poesia, o que é mais além, pois temos obras naturalistas ou realistas que não são lingüisticamente autoconscientes, nem constituem uma realização particular em si mesmo. Então, a literatura não tem uma definição objetiva, depende da maneira pela qual alguém resolve ler, e não da natureza daquilo que é lido. Podemos defini-la como a arte de pensar; mundo encantado da imaginação; uma viagem por mundos desconhecidos. Essas definições não alteram, nem negam o papel que a literatura desempenha no desenvolvimento do educando e na formação do leitor.

Diante disso, retornamos a questão da importância do Ensino de literatura na escola e a utilização do texto literário, haja vista, o seu caráter múltiplo e plurissignificativo. Sobre isso, Lacan demonstra que este texto assenta-se em dois níveis de discurso,

[...] O nível *manifesto*, mais superficial, cuja estrutura transparece sob a forma de uma cadeia significante articulada em imagens, é aquele que se evidencia ao leitor. No interior dessa cadeia significante existem inúmeras “brechas”, “portas”, “fendas” pelas quais se pode ingressar no segundo, mais profundo, o nível *latente*, onde se esconde uma imensa gama de sentidos que estão à espera de que o leitor os descubra. (apud VILLARDI 1997, p. 11)

Para Villardi (1997), a compreensão dessa estrutura, por um lado permite ao leitor do texto literário um papel de agente, sem o qual o texto não se faz por inteiro; por outro, admite a possibilidade de que o significado profundo do texto se altere, de leitor para leitor, já que, nesse caminho, cada um tem a possibilidade de escolher suas próprias trilhas. Essa estrutura explicita a riqueza da Literatura enquanto espaço plural e aberto. Assim, propicia ao indivíduo o processo de cognição, ou seja, possibilita o conhecer que envolve atenção, percepção,

memória, raciocínio, juízo, imaginação, pensamento e linguagem. É o processo pelo qual o ser humano interage com os seus semelhantes e com o meio em que vive, sem perder a sua identidade existencial. Tem como material a informação do meio em que vivemos e o que já está registrado na nossa memória. Assim, podemos dizer que a literatura “não se ensina, aprende-se com ela. Mas, à medida que se aprende, é possível passar para os outros um pouco daquilo que o prazer da leitura deixou em nós” (MARTINS, 1994, p.18).

Por esse motivo, o papel do professor enquanto mediador da aprendizagem é essencial para o desenvolvimento do gosto pela literatura não só para atender as exigências escolares, mas, para a vida. Mesmo considerando que a responsabilidade de formar leitores não recai somente sobre a escola, mas a compreensão que temos é que se é função dessa instituição transformar indivíduos iletrados em pessoas ricas em conhecimento, fator que está ligado a saber ler para poder aprender. Sendo assim, no processo de leitura, cabe ao professor fazer a mediação entre o texto e o aprendiz. De acordo com Kleiman,

Na aula de leitura, em estágios iniciais, o professor serve de mediador entre o aluno e o autor. Nessa mediação, ele pode fornecer modelos de estratégias específicas de leitura, fazendo predições, perguntas, comentários. (KLEIMAN, 1995, p.27).

O professor assumirá a função de incentivador, desafiador, aquele que cria situações em que a leitura se torna uma necessidade do ser humano e é praticada por prazer. O mestre deverá ser um leitor assíduo, que ler por prazer, para facilitar seu trabalho, já que ele próprio será o exemplo para o aluno. Para Martins,

A medida que o professor ensina, ele se ensina a si próprio. A possibilidade de ensino de literatura liga-se, então, à condição de aprendiz de quem quer ensinar. Eleger essa frase e não outra para focalizar o ensino da literatura reforça o caráter transitivo da leitura e dos processos de mediação escolares que a propiciam. (MARTINS, 1994, p.19)

Portanto, apoiamos a autora quando declara que o professor assume enorme responsabilidade quando ensina literatura e ele deve estar ciente disso e saber por que ensina literatura. Só assim, o professor será um mediador que conduzirá o educando a literatura, ao gosto pela leitura e acima de tudo contribuirá para a sua aprendizagem em todos os níveis.

## Conclusão

A arte de contar histórias percorreu séculos e atuou na vida do ser humano de várias formas. Em alguns momentos ocupou um lugar de destaque, em outros permaneceu ou permanece quase esquecida. A verdade é que a contação de histórias contribui significativamente para formação do homem, seja enquanto leitor, seja enquanto pessoa.

Nesta perspectiva, observamos que começando pelo homem pré-histórico, mesmo não dominando a linguagem oral e escrita, ele já utilizava a contação de histórias para repassar suas experiências e vivências aos outros e as gerações posteriores, através de desenhos nas cavernas. A partir daí, mesmo com o domínio da linguagem oral e escrita o

homem utilizou essa arte para expor suas idéias, ensinar costumes e tradições e ainda divertir, fantasiar, encantar. As narrativas (mitos, lendas, fábulas), contadas oralmente, repassaram para nós os costumes, tradições e modos de vidas dos nossos ancestrais e também deu origem a literatura.

A contação de histórias contribui ativamente para a formação do leitor, pois possibilita o contato e a familiaridade com a leitura daqueles que ainda não dominam textos escritos. Assim, incentiva o gosto pela leitura e mostra a necessidade de aprender a ler. A arte de contar histórias também estimula a leitura dos que lêem textos escritos, pois, serve como ponte de incentivo para se lê as histórias que ouviu.

A partir dos teóricos estudados, constatamos a importância que a leitura desempenha em nossas vidas, não só a leitura de textos escritos, mas também a leitura do mundo, dos desenhos, das imagens. Ler abre caminho para desenvolver o processo de imaginação e adquirir conhecimentos. A leitura leva-nos a diversos caminhos, a diferentes lugares, ao encontro com pessoas que nunca vimos, enfim, nos dá prazer.

Nesse contexto, os autores explicitam a responsabilidade que o professor assume enquanto mediador que conduz o aluno ao texto e a aprendizagem. Esse, deverá utilizar diferentes estratégias de contação de histórias e atividades com vistas à formação do leitor. Lembrando que o mestre será exemplo para o aprendiz, por isso, deverá ser leitor assíduo e amante da literatura.

#### Referências bibliográficas

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

AMARILHA, M. **Educação e leitura**. Natal, EDUFRN, 1999.

BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito da leitura**. Tradução de Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Ática, 1991.

EAGLETON, T. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GOMES, A. **A voz que vem de longe: o contador de histórias na formação do leitor**. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado – Coleção Mossoroense, 2003.

KLEIMAN, A. **Oficina de Leitura**. Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1995.

KLEIMAN, A. **Leitura: ensino e pesquisa**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1994 (coleção primeiros passos).

SALDANHA, D. M. L. L. **A Contação de histórias e a formação do leitor**. Monografia de Especialização. Pau dos Ferros, 2008, 48 p. PPEGLL/UERN.

SISTO, C. Leitura e Oralidade In. **Caderno de Leitura: PROLER**. Rio de Janeiro, 1994.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.



VILLARD, R. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.

YUNES, E. **Pensar a leitura**. São Paulo: Loyola, 2002.

YUNES, E. e OSWALD, M, L (org). **A experiência da Leitura**. São Paulo: Loyola, 2003.